

LISBOA
30 SETEMBRO-1919
ANO I-N.º 4

O RISO D'A VITÓRIA

DIRECTORES
JORGE BARRADAS
HENRIQUE ROLDÃO

NO EXÉRCITO VERMELHO



— Camaradinha general! Agora ficas escalado para rancheiro do Soviet!

(Desenho do capitão Menezes Ferreira)

ÉPOCAS PASSADAS

Foi nos bons tempos! Já lá vão uns pares de anos bem puxados. A gente chegava-se a um restaurant e dizia:—Fritas!—e daí a pouco era um pratalhão de rodelas loiras e apetitosas que os nossos dentes faziam estalar á laia de foguetes! No outro dia, era a vez das cozidas, e elas lá apareciam roliças e tenras á desafiar os caninos e molares que era um louvar a Deus! Depois competia a presença das assadas, e eil-as que surgiam pequeninas e roliças, com a pele a estalar de contentamento gastrónomo cheirando como um perfume, atirando ao ar qualquer coisa exquisita que fazia nascer um Alviela espontâneo na boca dos que passavam na rua de nariz no ar atraídos pelo cheiro dessas sereias de prato razo! E a gente babava-se todo de satis-

fação e a barriga pulava de contentamento, e a digestão era fácil e a bolsa não sofria um ataque por aí além! Quanto a gente deliberava um pagode, e enfiava para as iscas?! Não era preciso muito, bastava dizer:

—Com elas!—para as vermos daí a pouco em ornamento envolta do fígado frito, provocan es á cupiscência dental! E eram as novas, com a face a rebentar de juventude, e eram as velhas, já encarquilhadas mas gostosas sempre! Autor que escrevesse uma borra-cheira em tantos actos já sabia que no fim do espectáculo elas lá estavam a saudá-lo festivamente levando-lhe o aplauso público e a economia cazeira! Bons tempos!... Agora, nem vale a pena pensar nisso! Agora? Ora batatas!...

O MAJOR MANETA

Por ALFREDO ABRIL

O tenente Cruzes/K. Nhoto, era um militar que fizera a sua carreira o mais brilhantemente possível. Tivera sempre o máximo cuidado em polir os botões, os galões e as unhas, de forma a que brilhassem ao longe e nestas condições a sua carreira tinha de forçosamente brilhar.

Conheci-o nas conhecidas Caldas do Pudding. Ficamos bons amigos. Numa tarde, á beira rio, conversávamos, falávamos do passado, quando subitamente uma máquina fotográfica que me acompanhava, caiu e liquidou descrevenço na areia do rio um artigo necrológico. Nessa tarde a minha câmara escura que ficava ao pé da Câmara Municipal ficou armada em câmara ardente, enquanto os meus olhos velavam o cadáver ainda fumegante da indolosa máquina.

Aborrecido como estava, balbuciei ao verificar que escangalhara o precioso objecto:

—Foi para o maneta.

O tenente fitou-me espantado e perguntou:

—Oh! também o conheceu?

—A quem?

—O major Maneta!

—Ah! mas...

—É verdade. Morreu há muito tempo já em resultado dum sóco que deu num cidadão. Um desgraçado! Era mais velho que eu trinta anos. Dava-me muito com ele. Conheci-o de pequenino, de saias...

—Então o tenente conheceu o major de saias—preguntei eu deve-

ras espantado—e ele era mais velho do que o meu amigo trinta anos?

—Sim—explicou o tenente—conheci-o de saias por um retrato que ele tinha na sala de espera, tirado na idade de três anos...

Houve uma pausa.

—Um belo amigo e um belo camarada. Muito agradecido...

—Não tem de quê, ii, terrampi eu, julgando que se dirigia a mim.

—Não, não é isso o que eu quero dizer. Digo que ele era muito agradecido e muito conservador.

—Era político...

—Não, tinha apenas uma fábrica de conservas.

Houve um momento de silêncio, após o qual o tenente começou:

—Vou-lhe contar a história desse homem que é tragica e curiosa. Fez a sua carreira na carreira de tiro, morava na Carreira dos Cavalos, e era da família Maneta Carreira. Descendia dumja familia de tarados e digo de tarados porque na tara tinha mais feitiço do que no peso bruto. A toda a familia lhe faltava alguma coisa, começando pelo dinheiro. O pai era pernetta, a mãe era braceta. Um bisavô fôra cegueira e até um primo em 1.º gráu mas que já tinha exame de 2.º, tinha nascido sem pés nem cabeça.

—Ah!—exclamei eu assombrado—mas como conseguia esse homem viver, falar...

—Eu explico: Costumaram-no desde pequenino a andar com os

pés da cómoda do seu quarto e trazia por bengala e de reserva um pé de cabra, de maneira que andava regularmente. Enquanto á cabeça tinham-lha encomendado do estrangeiro e aparafusava-a todas as manhãs...

—E dava resultado?

—Tinha só um defeito. Zangava-se por qualquer coisa, perdia a cabeça pela mais insignificante contrariedade... Compreende, a falta dum parafuso era o bastante. Mas continuando. O major era formado e como era muito inteligente, tinha-se formado em nove meses na Faculdade que a mãe tinha em o formar. Fôra a única pessoa na sua longa e antiga familia que vivia bem, até que, quando saiu major, num exercicio de espada, como esta era pesada, com o peso e o calor descolou-se-lhe a mão direita caiu-lhe pela escada abaixo, enfiou por um postigo que estava aberto na rua e lá foi para um cano de gás. Nunca mais a viu!

O tenente chorava, eu suava.

—Comprou depois—continuou ele—uma mão em segunda mão que para ele era terceira, e gastou-a. Depois comprou uma mão de papel

e como escrevia muito, também a gastou. Por fim comprou uma mão de chocolate, mas não deu resultado, porque quando os filhos lhe beijavam a mão, para lhe darem os bons dias, era dentada de ferver... Comeram-lha. Alguns amigos aconselharam-lhe mãos de vitela, mas faziam-lhe mal ao estomago. O que é verdade é que tudo que chegava junto d'ele era um ar que lhe dava.

—Ah!

—Ah!

—Ah! o quê?

—Digo ah! porque quero dizer que é daí, desse desgraçado vício de destruir, que ficou o ditado: Vai para o major e vai para o maneta. Como você sabe a ignorância do nosso povo, é enorme e muita gente julga que são duas pessoas, quando afinal o Major e o Maneta são uma mesma pessoa.

Levantamo-nos. O tenente estava verde. Não de medo ou impressão. Era um dos costumados ataques que lhe davam, resultados da sua mocidade acidentada, de pândego...

É que abusára imenso do chá verde.

OS GRANDES PATIFES

ROUBO DE BATATAS NO CAMPO DAS CEBOLAS

Por mais que os periódicos da capital apregoem a falta de policia, por mais que se grite elevadamente a abundância exagerada de gatunos profissionais e amadores que inoculam a cidade, dia a dia, hora a hora, por toda a parte se patenteia a intrepidez dos acima ditos ladrões e a ausência manifesta dos homens vestidos de policia! Por essa razão, mais um roubo temos a juntar á já longa serie nacional.

PORQUE SE DEU

O ROUBO

Há dias vierá do Barreiro escoltada por uma esquadilha de guardas fiscaes a fragata J. S 32 J. 2.º direito, a qual conduzia no porão um cofre forte que albergava 5 batatas que o governo, por intermédio do Ministério das Insubsistências, comprára num joalheiro de New-York.

Parece que por denúncia, nma quadilha de saltadores (mosco, vigaristas, sovaqueiros, golpe, esticção, bate-sornas) sabedora do tesouro deliberou em assembleia geral efectuar a rutura do cofre forte

e a evacuação clandestina das cinco batatas.

ROUBO AUDAZ

E JAMAIS VISTO

Com a colaboração dum pé de cabra, conseguiram os gatunos, pé ante pé, emisshirem-se á vista dos fiscaes, e arrombar o cofre de onde, com infinitas cautelas, levaram os preciosos tubérculos. Ao dar pela coisa, a Exploração do Pôrto de Lisboa fez grosso alarido, dizendo que para explorar já ela lá estava e chegava bem. Foi avisada a policia de emigração que guarda as fronteiras a fim de o tesouro não passar para o estrangeiro. O governo pediu a opinião do senhor Esculápio sobre a facanha respondendo o mesmo senhor prontamente da seguinte forma:

Foi a Micas do Liro

Quem roubou as batatinhas

Pá pó fi ó fi ó dó

Vou na marcha ó Julambó

C'o meu chapéu de palhinhas!

(L'Esculápio Esculápio Esculápio)

O CEU VELHO APRESENTAR ARMAS!

Por VULCANO

Sei de uma bengala que ontem se quebrou nas costas de um galanteador da Baixa, em virtude da esposa do possuidor da mesma, ser alvejada por um gracejo qualquer do cidadão bengalado que recolheu em estado pouco satisfatório ao hospital de S. José.

E sei também que em casa do vigoroso zelador da sua honra, existe um livro de pensamentos, onde uma chusma de poetas chambões e lambujadores de officio, teem descarregado, em noite de recepção, as mais retoricadas inconveniências á madama em questão.

Pois para estes não tem o marido uma bengala, mas sim a frásqueira que em dias de *souree* se desentranha em carraspanas ao próximo.

Esta treta do convencionalismo, também há-de, cedo ou tarde, dar que falar.

Lembro-me agora de um rapazinho atiradisso que um dia beliscou a cintura de uma menina da minha rua.

E daí a cinco minutos, numa farmácia defronte, o nariz espichava-se-lhe em sangue, maltratado pela mão forte de um pai de maus ligadões.

Ora se o brutinho tem esperado pela noite e vai ao Club Recreativo Estréla Cadente, faria ainda bem pior do que fez, espinoteando com ela, no delírio das valsas diante dos olhares doces do papá, que até talvez o achasse um excelente partido para a rapariguinha!

Recordas-te, paciente leitor, quando há meses, a duas semanas do Carnaval, me disseste o prazer que terias em encharcar a cara dessa tua vizinha, feia como um morecego e porca como um maltez?

Recelaste o escândalo, as invectivas da pantera e, o que seria pior, as fúrias do marido.

Mas logo eu te disse: Sofreia o desejo por mais quinze dias e então — domingo gordo — poderás encharcá-la á vontade, bisnagando-a com furor, que a familia toda achar-te-há até muito chiste.

Mas acautela-te, desgraçado, e não abuzes quatro dias a seguir da pilhéria, porque então quarta-feira de cinzas chegará, e o que na véspera era galanteria é depois inconveniente que já requer de novo o respectivo escândalo, a descompostura e o bengalão.

E se um dia, leitor amigo, um anjo te tentar, á que não é natural, e tu começas sentindo fortes ganas de lapiar o parceiro, deixa em paz os patacos do teu vizinho de cima, nem compres gazuas para arrambar ourivesarias.

Faz-te tendeiro e vende bacalhau pódre por bom, faz-te padeiro e vende gesso por farinha, faz-te carroeiro e vende pedra por carvão.

Terás carimbo, consideração, automóvel e Estoril ou Pedras Salgadas, dois meses por ano.

E se montares o negócio com luxo e deres dez tostões por mês para a Sopa dos Pobres, verás, leitor espertalhão, que até a Propaganda de Portugal te recomenda e os jornais publicam-te o retrato na primeira página!



O nosso carroeiro!

Talvez que, á primeira vista, pareça que é assim um personagem rústico, de provável linguagem pouco salutar, brigão e teimoso! Pois não é! E' aquillo com que vulgarmente se enobrecce um sujeito esperto: E' um álho!

Quatro mil e oitocentos por dia! Hein?!

Quem há aí que tenha a basofia de fazer a mesma Africa?! Que respondam os caixeiros, os empregados de escritório, os empregados públicos! 48800 réis!

Além disso poucos gosam da sua preponderância! Se lhe apetece desmaia a carroça ao meio da rua

e não há Companhia por mais inglesa que seja que o obrigue a levantar o sistema antes de ele fazer um cigarro, cuspir e dizer quantas asneiras lhe apeteça!

Experimente alguém fazer esta facanha e verá quantos polícias e maridos honestos lhe caem em cima! A éle não! Pode dizer e fazer o que quizer que ninguem lhe diz nada e apenas murmura: E' carroeiro, que se lhe há de fazer!

E o camarada lá vai gosando a vida como melhor lhe apetece!

Ser ou não ser carroeiro já lá disse Shakespeare que foi um autor dramático que nunca ganhou quatro mil e oitocentos!

O PATRIA SENTE-SE A VOZ!...

COMO A CAMARA MUNICIPAL DEVERIA ORGANIZAR OS FESTEJOS DE 5 DE OUTUBRO

PRIMEIRO DIA:

As 2 horas. — Salva de trezentos tiros, comandada pelo célebre Burnay de tostão.

As 8 horas. — Abertura da expo-

sição de raridades. (Bacalhau em bom estado, moedas de cinco tostões, casas para alugar sem trespassse, etc., etc.).

As 10 horas. — Concorso dos di-

gníssimos varredores da Câmara com um prémio para o que apañhar menos lixo e outro para o que o espalhar mais depressa para cima dos tranzeuntes.

As 14 horas. — Corridas de automóveis do P. A. M., oferecendo uma medalha de ouro ao que matar mais gente.

Á meia noite. — Grandes manifestações ás Companhias dos Eléctricos, Águas, Gaz e Electricidade e Tabacos, cantando as creanças das escolas o hino "Os monopólios."

SEGUNDO DIA:

As 14 horas. — Concorso de bombas de incêndio, para ver qual está menos capaz de fazer serviço. (Este concurso oferecía grandes disputas mas seria muito importante).

Á noite. — Iluminação de candieiros apagados pelas ruas da cidade.

TERCEIRO DIA:

As 10 horas. — Combate de box entre a Torre de Belém e o gazómetro da Companhia do Gaz. (Previamente combinava-se que ganharia a Companhia).

As 14 horas. — Distribuição de água de Colónia a todas as ovariinas, para estas despejarem por cima dos passeios.

As 16 horas. — Concorso de asneiras para a Câmara Municipal mandar executar.

As 20 horas. — Jogos florais de carroeiros e vendedoras de hortaliça, com prendas de valor a quem tivesse menos respeito pela familia de cada um.

As 24 horas. — Fogo de artifício nas Encomendas Postais.

ONTEM E HOJE

por JOÃO VALENTIM.

Augusto Cão Júlio Octaviano
Que d'outro Cão Cezar foi herdeiro.
No dia em que pisou régio poleiro
Fez mil reformas de labôr insano.

O povo viu-se grego, que o romano
Em projectos e leis era o primeiro.
Até o calendário tão ronceiro
De Augustos teve o nome soberano.

Se este teve um império e foi um
Não nos vem assombrar pois no
Há outro que em decretos não é
falho.

Que Augusto o Camarada, o Com-
batente,
Desde que foi ministro do Trabalho
Tem dado que fazer a muita gente!



CARTA DA RUSSIA

(DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL)

Se o leitor um dia, por acaso, passar pela Rússia atravessando Petrogado, não deixe de ir á rua do Kremlin, 600 bis, visitar a célebre pitonisa Makowska que é entre todas as criaturas sobrehumanas que tem o passado, o presente e o futuro, a mais notável sobre todos os pontos de vista do invisível e até mesmo do palpável.

O Larcusse não se conteve que lhe não dedicasse duas páginas e quatro gravuras, descrevendo-lhe as pestanas.

Makowska celebrou-se durante a guerra Russo-Japonesa afirmando que uma destas nações seria derrotada — e não se enganou. Mais tarde previu, nas alturas da batalha do Marne a guerra com a Alemanha e, pouco depois de assassinado, a morte de Nicolau.

Tal é, pois, o respeito e medo que inspira aos seus compatriotas que, durante a revolução — que ela anunciou com uma antecedência de cinco semanas depois — ninguém ousou tocar-lhe apesar de se ter ausentado para a Noruega a fazer uso das águas de Vichy.

Nesta altura a Estinga Russa — como lhe chamou Zola no *Manual do Licorista* — prepara-se para fundar uma nova religião na Europa oriental. O seu poder de atracção leva ao palácio de Kremlin, em bichas intermináveis, todo o povo do ex-império que vê nela a deusa prometida na lenda de Kerezan, e acredita na salvação do mundo pelas suas teorias pacífico-incendiárias.

Vêr para crêr, como dizia S. Tomé e Príncipe. Armado dum septicismo tão impenetrável que se lhe poderia chamar *otticismo*, deliberei fazer parte dessa grande ténia humana que diariamente lhe atravessa o intestino da suntuosa habitação e, depois de vinte horas de espera sôb e sôbre a neve, consegui chegar, cumpridas as fórmulas dum complicado ritual, á presença da mais bela mulher que a fantasia humana pôde conceber ao abrigo das leis e dos preconceitos da família.

Era o 74.985 N da terceira série. Na minha altura (1^m,72) entrei. Parou-me a circulação. Makowska, sôbre um divan eléctrico, parece adormecida. Completamente nua da cintura para cima e despida da cintura para baixo, parece uma estátua. Os cabelos dum louro-cerejo caem-lhe em ondas sôbre os seios de jaspe, e do pescoço pendem-lhe preciosos colares de pérolas sem fios. No úmbigo uma esmeralda e no polegar do pé direito um anel de coralina com um enorme brilhante de marfim.

Ao seu lado, um negro de turbante agita com ambas as mãos uma ventarola de penas de jacaré, segurando na outra uma lança envenenada. No chão acocorados sô-



— O cavalheiro desculpe, mas a ge tem

bre uma pele de tigre vasia, três peles-vermelhas adolescentes tangem cinco manicórdios, gemendo canções populares da terra de ninguém.

No ar baila um perfume de Chypre queimado, com tons de papel Arménia e almasso liso.

A deusa com um gesto do seu pésinho abstracto, indica-me um tamborete junto dela. Dois antropófagos trazem uma bacia de ouro com água de Polónia e lavam-me os pés.

Três virgens despem-me, ungem-me e fazem-me envergar uma túnica de linho do pólo, cheia de guizos. Não ofereço a menor resistência.

Faz-se luz encarnada, e depois de uma dança macabra, virgens, antropófagos e peles-vermelhas, tudo desaparece, ficando sós: eu, ela e o negro do abano que dorme.

Então Makowska soergue-se no divan, fita-me com extranha volúpia e metendo os dedos esguios e nervosos na minha cabeleira Luís XV, murmura-me, sinfonicamente, ao ouvido: *Orkaff laiej urzuku...* Tenho uma vertigem; vou para abraçá-la mas os guizos da túnica tilintam, o preto acorda e de lança em riste grita: *Ahi off! Taskoa Makowska!* E eu vejo a morte sorrir-me na ponta do aço envenenado.

A um sinal o lanceiro evapórase, a treva ilumina o aposento e começa a consulta. A esfinge péga-me na mão esquerda, analisa-me os traços e, apesar da escuridão que nos envolve, distingo um grito de surpresa:

— Makoran! Donde és tu?

— De Portugal, respondi.

— Nesse caso... és português.

— Adivinhaste! exclamei eu assombrado; e perante esta prova da sua superioridade metafísica o meu scepticismo desapareceu no alçapão da dúvida como o Satanaz das mágicas ao golpe fatal do *tam-tam*.

Suplico-lhe então que me desvende o futuro da minha terra, que

atos raios e gatunos que o governo mandou repatriar

(DOS JORNAIS)



— Ah! Ora, espera... mas... aquêlê recém-chegado roubou a carteira a um velhote...

— É brincadeira.
— E deu-lhe uma facada!
— Hein?

— E aquêles... estão a arrombar o Montepio!

— Não pôde ser!

— E as mulheres! Oh! Duas delas roubaram fazendas no Grandela e lá vão a correr...

— E a polícia?

— Não vejo... não há...

— Há tal! Apite! — Mas depois lembrei-me de que os apitos na Rússia são desmolados e podia haver alguma desgraça.

— Ah! — exclamou ela com espanto — estão a abrir trincheiras numa praça...

— É no Campo Pequeno.

— ...numa praça pública que tem uma estátua ao meio e no chão pedras azues e brancas.

— ...azues e brancas... É o Rocio! Trincheiras no Rocio?!

— E a coisa está séria: tropa, homens a trabalhar febrilmente... O povo a correr...

— Valha-me Deus! Não será para porem pedras verdes e encarnadas?

— Uma preta, de cabelos loiros, toma apontamentos.

— Deve ser a preta Fernanda que anda a fazer um livro de memórias da Câmara Municipal.

— Passam camions... Vai preso um bacalhau por ter armazenado dez toneladas de merceiros pobres...

— Basta! Basta! Oritel eu. Não quero saber mais nada, — e tiz logo projectos de regressar aí no primeiro combóio a saber se estou vivo.

— E o futuro? Não te interessa o futuro?

Eu estava passado com o presente, queria lá saber! No emtanto, por espírito de curiosidade arrisquei: «se não fôr coisa de cuidado...»

Começou ela, então, a desfiar um longo rosário de sucessos vindouros, dizendo do porvir o que D. Mafoma se esqueceu de dizer do sr. Toucinho.

Permitam-me que guarde segredo para lhes não tirar o efeito da surpresa.

Esta noite parto para a Turquia da Asia e de lá para as Índias Inglesas.

É possível que ai volte no Natal de 2500 mas não tenho a certeza porque em Bombaim está-se bem. O que lá apoquentá mais as pessoas são as serpentes e a peste bubónica. E eu ralado! Vou descansar.

JOÃO BASTOS.

NO PRÓXIMO NÚMERO

O *Riso da Vitória* publicará uma página do ilustre artista Stuart Carvalhaes, especialmente desenhada para este quinzenário.

a ge tem que ser agradecido ao governo...

anuncie os perigos que a ameaçam, os dias venturosos que a esperam; se haverá mais revoluções, se chegarémos a comer batatas e quando é que acaba o flagelo da Paz.

Põe-se em transe. Vai vêr. Compasso de espera. Ouvem-se três pancadas.

Makowska foi em espírito aos séculos passados e de lá, com voz débil, descreve as nossas glórias.

Fala do tempo em que com quatro caravelas nos fartámos de descobrir coisas para os outros; refere-se ao Adamastor, ao Vasco da Gama e aos sub-marinos.

Passa na cõrte de D. João V e deslumbrava-se perante o cortejo

de eléfantos, que durante a gréve dos combóios, saíam carregados de ouro, do Banco de Portugal, levando nas respéctivas trombas fotografias do rei para o pápa Gregório VII.

Vê Carlota Joaquina, nos alvares da loucura, dançando o *cake-walk* com Frei António de Assis no palácio de Queluz.

Vai a Odivelas e contempla a religiosa marmelada das freiras, ouvindo na céla da Madre Paula as anedoctas picantes do Prior do Crato. E mais... Mas o passado fatiga-a. E' muito longe.

— Vamos ao presente, pedi eu ansioso por notícias.

— O presente... — disse ela galgando a Historia — oh! o presente... acusa uma grande revolução...

— Outra?!

— ...Uma grande revolução nos costumes e até nos aspectos. Mais liberdade... mais socego...

— Póde ser... — E ela como se descrevesse o que via ou vice-versa:

— Tantos forasteiros! Chegou um grande navio.

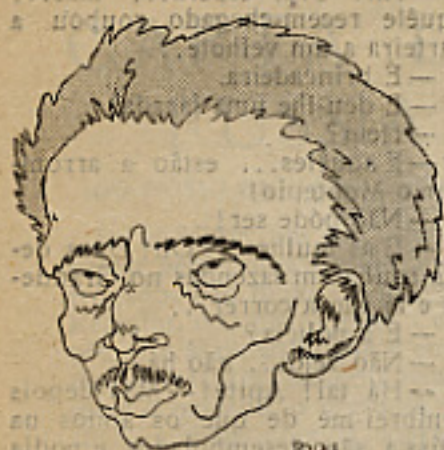
— É trigo!

— Não, muita gente. Ih! São trezentos. Lá vão pela cidade fóra...

— Abençoada Propaganda de Portugal, disse comigo.

NO MESMO ESTILO

Por FAISCA



III

ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA

Pl'a sagrada luz do dia
Reza tu que eu já não posso
Padre-nosso - Avé-Maria.
Avé-Maria - Padre Nosso!

Alcatruzes do moinho
Caravelas do meu horto
Parecem dizer baixinho:
Já viste o olhar dum morto?

Mãos ao alto, rezo a Deus
Plos teus olhos de safira!
Aza branca, Adeus! Adeus!
Meninas vamos ao vira!

Sai a hostia consagrada!
Lua cheia a iluminar!
Toca o sino, cruz alçada,
E' a vintem p'ra acabar!

Lirios branquinhos de magua
Que eu soluço dum só trago!
Trago os olhos razos d'agua
Sulfurosa de Vidago!

Toco cantigas sem fim
No sino do coração.
Tím balalim balalim!
Tão balalão balalão!

Deita livros como quem põe ovos, mas
basta ler um para sabermos de cor todos
os outros.

POSTA-REstante

SANTOS AMADEU, GODINHO LIRIO
e CARMO FERVENÇA. - E' juntaram-se
três para uma borracheira daquelas!

DELFIN DE GUIMARAES. - Política,
nem pela janela cá entrá em casa.

IONOTUS. - Também é muito mau! A
carta tinha trais graça! Faça qualquer coisa
de geito!

CONDE ARTOFF. - Logo que haja es-
paço sairá com muito prazer.

LAMBISGOIA. - Idem.

ZÉ ACRE. - Pode ser que seja muito
bem mas n' o percebemos nada! Quem tem
uma caligrafia daquelas manda as coisas es-
critas á máquina!

E. DE B. - O Riso da Vitoria também é
lido por senhoras honestas, por isso não pu-
blicamos os seus versos.

FERNANDO DE ALMIRO. - Era dema-
siado longo. Aproveitou-se o melhor.

ALA DOS NAMORADOS



JOSÉ DE ESAUVY

DESEJO

Ao ver-te assim calada, aneio palpitante
—ó pálida mulher nascida ao meu desejo!—
Descer humildemente ao teu amor d'amante,
Amante dum só dia e ténue como um beijo!

Mas tu que não sentiste o meu amor imenso
Recuzas o prazer que eu te proponho agora!
Ó coração de fel! Quero-te ver suspenso
No pranto doloroso e triste de quem chóra.

Vejo-te assim calada, ó flôr do meu ciúme
Mais vaga do que a morte, assim como um perfume
No silêncio espalhando as iluzões em pó!

(Mas dava o meu talento e o gênio que me guia)
Para poder gosar—amante dum só dia—
Esse teu corpo em flôr, os dois num leito só!

LISBOA POR DENTRO

Diário de um conspirador

Por SAUSTIANO.

4 HORAS DA TARDE — A coisa
vai bem!

O Vicente disse-me agora que já
há mais dois batalhões do 9 que
estão *fixes*. Por esta é que eles não
esperavam. Cambada!

5 HORAS — Que demónio! O
Chico Pimenta ficou de estar aqui
no Café ás 4 e meia e ainda não
veiu? Mau, mau!

Ah! Lá vem êle! E então?
Ótimo! As onze horas da noite é
dado o sinal: um tiro de canhão.

Já temos santo e senha. São signifi-
cativos. Diz um: «Agora é que isto
já não anda!»

Responde o outro: «Hão-de re-
bentar todos!»

E o Pimenta está esperançado
num regimento da província que
chega aí ás 8 da noite. Positiva-
mente tudo corre ás mil maravi-
lhas!

6 HORAS — Eu tenho lá vontade
de jantar! Lembrar que amanhã a
esta hora serei um herói da nova
revolução!

Hein? Batem á porta? Quem é?
— «Agora é que isto já não anda!»

Muito bem. Pódes entrar ó Teo-
doro. «Hão-de rebentar todos!» O
que há? Ó diabo! Foi transferido
o comandante do 3?

Ah! Mas temos lá meia duzia de
dedicações que se hão de portar na
linha. Confiança que a vitória é
certa!

7 HORAS — Só esta me faria rir!
Diz o placard do Século que o
ministro da guerra vai amanhã vi-
sitar uma exposição de pintura.

Pff! Êle, amanhã, vai mas é para a
Penitenciária! Uma exposição de
pintura! Ora o luxo!

8 HORAS — Mau, mau! São oito
horas e o regimento ainda não che-
gou. «Agora é que isto já não anda!»

Nada de desfalecimentos. Tenha-
mos confiança na contra-senha:
«Hão-de rebentar todos!»

Havemos de os levar ali de ven-
tas á Rotunda, como uns catifas!

Viva a liberdade do povo! Viva
os heróis do 38 de Agosto!

9 HORAS — Afinal o regimento
sempre chegou. Aquêlê barbaças do
comandante não tem boa cara, mas
enfim, o Pimenta diz que é *fixe*, é
o que é preciso.

Ah! Vamos agora a dar os últi-
mos retoques cá no requerimento-
sinho. Parece-me que assim vai bem:

«... porque tendo sido eu, um dos
heróis, embora obscuros, desta
«nossa revolução que desoprimiu
«o generoso povo português, seria
«justo que V. Ex.ª se não esqueces-
«se daquêlê meu pedido sobre o
«lugar de 1.º oficial do seu ministé-
«tério, em substituição de muitos
«fulanos que ainda aí se encontram
«e que, a bem da nossa Causa que
«é a Causa da Pátria, devem ser
«imediatamente afastados do ser-
«viço.

«Assim o exige, um dos heróis,
«embora obscuros, desta revolu-
«ção que desoprimiu o generoso
«povo português...»

Admirável! Está escrito com de-
do. Se a coisa péga, nem automô-
vel há-de faltar cá ao méco! Viva
a liberdade do povo! Viva a revolu-
ção redentora!

10 HORAS — Daquí a uma hora,
ou morte ou glória! O silêncio é
profundo. Deve estar tudo a pós-
tos! Preparemos o reyólver e des-
camos á rua. Uff! O coração esta-
la-ufe!

11 HORAS — É agora! Pum! E
que valentíssimo canhão!

Olha, olha a senha: «Agora é que
isto já não anda!» Eu já lhe digo:
«Hão-de rebentar todos!» Hein? O

que é isto? Então você não é da
côr? Basta, basta! Não se bate num
homem indefeso! Malandro era o
seu avô! Apre! É melhor fugir pa-
ra casa. Ó da guarda!

MEIA NOITE — Por esta é que eu
não esperava. Afinal o estoiro das
onze horas foi um pneumático que
reventou. Por isso o *chauffeur* di-
zia: «Agora é que isto já não anda».

E quando eu lhe disse: «Hão-de
rebentar todos», pai da vida! Que
tremendíssima sova!

E o socego voltou a ser comple-
to. E eu com as costelas a arder e
o requerimento na gaveta! A coisa
falhou.

Pobre Pátria! Ao que a nossa
terra havia de chegar!



DE CACETE Á ESQUINA ...

«TORTURADOS»

Por Augusto d'Esauvy

Aquilo começando a lêr pelo
principio não é de todo mau, não
senhor! Dizemos-lhe mais, é quasi
muito bom! Há firmeza, há indivi-
dualidade!

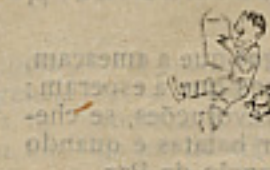
Aquêlê piadas ao *doutor* são bem
metidas, e aquêlê apreciações do
Bilac, Rostand, não são nenhuma
asneiras... Há ali muito geito!
Bravo seu Augusto, você promete
ser um barra nestas coisas de crô-
nicas feitas por homens! Mas...
você desculpa... se começarmos a
lêr o livro pelo fim... aquêlê céc-
gas á Conchita... não parecem do
mesmo auctor! Que d'abo! Por um
pouco você transplantaya o *Hiero*
Mata, Tus Besos, A cocaina, com
música, gestos, sinais na face e tu-
do!... Homem! que lhe sirva de
lição, e não cáia noutra... e vá lá
êsse abraço!

JOÃO BALTA.

«DESVARIOS»

Por Maria José

No próximo número falaremos:



EXPEDIENTE

Devido aos inúmeros exem-
plares do nosso quinzenário
que se perdem no correio,
pedimos aos nossos ex-
assignantes o favor de nos
participarem o não recebi-
mento do «Riso da Vitoria»
quanto tal aconteça.

ARCO DO CEGO-INTENDENTE

OU

DE VAGAR SE CHEGA AO LONGE

RELATÓRIO E CONTAS DUM PASSAGEIRO DOS ELÉCTRICOS



MODERNIS- MOS

por FERNAND' ALMIRO.

Parece projecto assente
Da vereação incansável
Dar á Praça do Comércio
Aspecto mais confortável.

Lá no Terreiro do Paço
A obra vai ser de estalo:
Vão tirar ao D. José
O seu soberbo cavalo!

E' que esta guerra mostrou,
Que nas guerras d'hoje em dia,
Os infantés valem tudo
E nada a cavalaria.

Das arcadas far-se há
Um aqueduto gigante
Ligando o caudal do Tejo
Ao Alvela abundante.

Pensam mais, ajardinar
Fazer mesmo até um bosque
E correr ao Sucursal
Com pontapé no quiosque,

Prevendo que Zé Povinho
Faça a sua opposição
O bom ministro da guerra
Decreia a mobilisação!!!

Sensacional revelação!

SERÁ POSSIVEL?

Ainda vibra em
peito português a
decantada alma do
grande VIRIATO?!

Gabriel D'An-
nunzio tem um ir-
mão de leite em
Portugal?

No próximo nú-
mero saberemos.

Ano de 1919. Cinco horas da tarde. Desde ontem que estou á espera dum eléctrico. Um sujeito que está ao pé de mim com a mesma mania já tem umas barbas que me tem medo a quem tiver que lh'as cortar.

— Isto é que é uma companhia! — filósofa um rapazola que ostenta um cabaz onde duas galinhas se ageitam. — Calcule o senhor que sai da loja para levar dois ovos a uma fregueza, e já tenho duas galinhas! Estou á vêr que quando chegar á tal fregueza tenho que lhe vender os ovos que estas galinhas já devem ter posto!

— Diga-me cá isso a mim! — ataca uma mulher de hortaliça que tem o estabelecimento á cabeça. Enquanto estou aqui á espera do carro para o Arco do Cego já fui a casa ter um vizinça!

Nisto um rodar longiquo põe todos em sobresalto.

— Lá vem um! Lá vem um! Efectivamente ao longe um eléctrico aparece em passo de «pas-de-qualre».

Um reboiço. A mulher da hortaliça prepara a cesta, o rapazola ageita as galinhas, o sujeito mete as barbas dentro do colete e eu preparo o espirito para grandes mocções.

Todos estendemos os braços para o carro parar, mas o guarda-freio diz-nos que não com a cabeça e segue impávido. Não há lugar!

— Isto é uma pouca vergonha! Diz a mulher da hortaliça!

Todos concordamos e sentimos os cabelos brancos a nascer.

De repente outro alarme.

— Lá vem um! Lá vem um!

Tudo se prepara para a abordagem. Bolas! O carro vai reservado!

— Agora devemos ter um intervalo de três dias. Estou capaz de ir aprender Esperanto! — aviztra o sujeito das barbas.

— Olha, olha as galinhas puzeram dois ovos, grita o rapazola das galinhas!

— Lá vem um! Lá vem um!

— O senhores, isto afinal parece a rua do lá vem um!

Sou amachucado contra um caixote de velas que toma a recia-guarda do carro. Pelas costas abaixo cai-me uma água suja.

— Lá me entornaram a água ás azeitonas! — exclama a mulher da hortaliça.

O condutor com cara de policia prega cinco esticões á correia da campainha e aquilo começa a andar.

— Para onde é que deseja?!

— Santa Barbara!

— Meio tostão!

— Perdão! Mas eu meti-me depois da zona!

— Qual zona!? É meio tostão.

— Não pago!

— Então tem que descer! — e puxa a correia.

— Não desço! — e puxa também a correia.

— Você é deste ou apanha com a chave das agulhas nos focinhos! — e torna a puxar a correia.

— Nos focinhos apanha você seu bolchevista da trama! e também torna a puxar a campainha.

— O seu...

— Perdão! Vão aqui senhoras! Seu malcreadão!

Apanho um sêco que não vinha endereçado para mim. Tudo aquilo se envolve á taponna. Por fim aparece um policia com cara de condutor e manda seguir.

— Para onde deseja?

— Anjos.

— Não tenho troco. Vá amanhã buscal-o a Santo Amaro.

— Mas isso é uma grande pouca vergonha!

— Mau, mau que eu também rebento com você!

— Comigo?! Á seu soviet dessorado!

— Tome! Seu...

— Perdão! Continuam a ir aqui senhoras!

Mais taponna. Apanho outro soco de procedência desconhecida, e mentalmente canto: *Tudo é preciso nas passagens dos eléctricos!*

Aparece um policia com cara de policia que manda seguir.

— Estes empregados da companhia!

— Que tem você que lhes dizer seu palerma!

— Palerma não!

— O senhores deixem-se de discussões, senão nunca mais chegamos ao Arco do Cego!

Nisto o carro pára e puve-se lá para os fins da plataforma.

— Queres mama? Vai ao Quaga! Espere!

— Tire-se para o lado!

— Espere! Você não tóser que a mula se foi abaixo das pernas?!

Cáiu uma carroça na linha! Esperamos seis horas. Os passageiros deliberam adormecer. As seis horas da manhã acordo. Andam á procura do guarda-freio que se foi deitar enquanto tiravam a carroça da linha. De dentro do cesto do rapazola das galinhas saem pintos.

A mulher da hortaliça tem os vegetais todos grelados e sente uma dôres esquisitas na barriga.

— Agora que eu estava a sonhar que era revisor e que vocês me acordaram! — É o guarda-freio que chega.

— Homem anda lá com isso para diante!

— Espere! Os burgueses aqui não mandam nada!

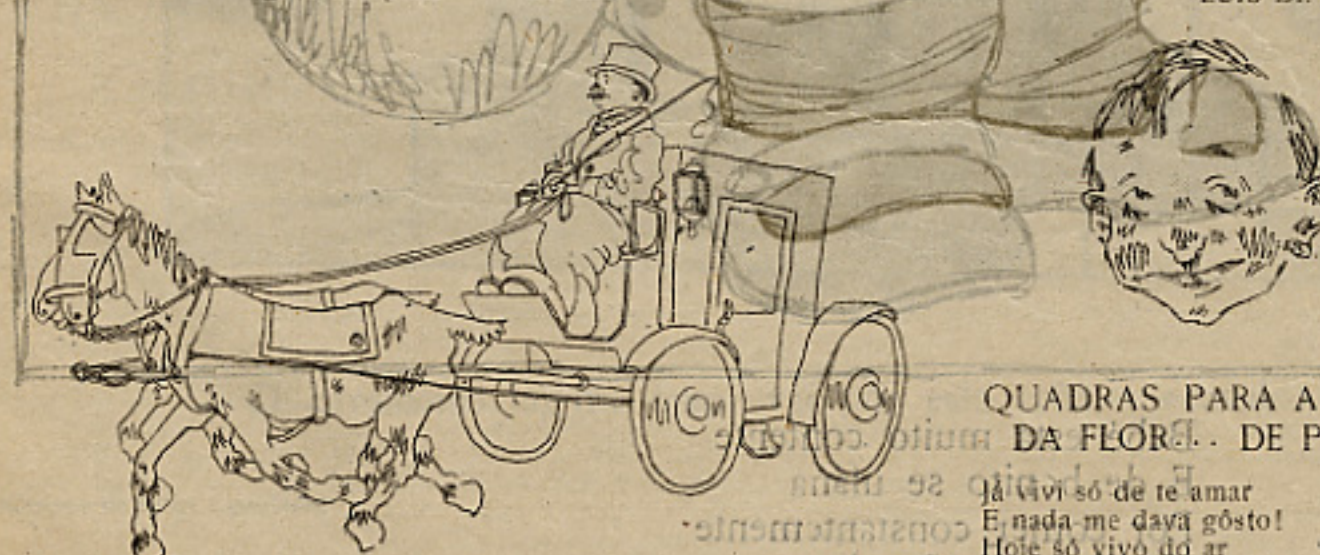
— Estes empregados!

— Se você diz mal dos guarda-freios apanha com uma greve geral nas trombas que até fica «amarrelado».

Sou mimoseado com outro soco anónimo que me é dedicado.

Quando cheguei a casa, não pude entrar porque ela já não existia. Tinha sido demolida para se executar uma ideia da Câmara Municipal de Lisboa.

LUÍS DE SOUSA.



QUADRAS PARA A FESTA
DA FLORELA DE PAPEL

Já vivi só de te amar
E nada me dava gosto!
Hoje só vivo do ar
Mas ainda mais bem disposto...



Bebé está muito contente
E de bcnito se ufana
Por comer constantemente
Farinha «A Napolitana».